

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

|   |          |
|---|----------|
| Em Ovar, (villa) semestre . . . . .                         | 500 réis |
| Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . . | 600 >    |
| Brazil, semestre . . . . .                                  | 700 >    |
| Avulso . . . . .  | 20 >     |

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## A CARIDADE E A JUSTIÇA

No topo do Calvario erguia-se uma cruz, e pregado sobre ela o corpo de Jesus. Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas corriam pelo ar como grandes manadas de bufalos. A lua ensanguentada e fria, triste como um soluço imenso de Maria, lançava sobre a paz das coisas naturaes a merencoria luz feita de brancos ais. As arvores que outrora em dias de calor obrigaram Jesus, cheias de magna e dôr, sonhavam na mudez herculea dos heroes. Deixaram de cantar todos os rouxinoes um silencio pesado amortalhava o mundo unicamente ao longe o velho mar profundo descantava chorando os salmos da agonia. Jesus, quase a expirar, cheio de dôr sorria. Os abutres cruéis pairavam lentamente a farejar-lhe o corpo; ás vezes de repente uma nuvem toldava a face do luar, e um clarão de gangrena, extranho, singular, lançava sob a cruz uns tons esverdeados. Crucitavam ao longe os corvos esfaimados mas passado um instante a lua branca e pura irrompia outra vez da grande nevoa escura, e inundavam-se então as chagas de Jesus nas pulverisações balsamicas da luz.

No momento em que havia a grande escuridão, Cristo sentiu alguém apossimar-se, e então olhou e viu surgir no horror das trevas mudas o cobarde perfil sacrilego de Judas. O traidor, contemplando o olhar do Nazareno, tão cheio de desdem, tão nobre, tão sereno, convulso de terror fugiu. . . Mas n'esse instante surgiu-lhe frente a frente um vulto de gigante, que bradou:

—E' chegado emfim o teu castigo!—  
O traidor teve mêdo e balbuciou:

—Amigo,  
que pretendes de mim?, dize, por quem esperas?  
Quem és tu?—

—«O Remorso, um caçador de feras, disse o gigante. Eu ando ha mais de seis mil anos a caçar pelo mundo a alma dos tiranos, do traidor, do ladrão, do vil, do sclerado, e depois de as prender tenho-as encarcerado na enormissima jaula atroz da expiação. E quando eu entro ali na imensa confusão de tigres, de leões, d'abutres, de chacaes, de ruidos febris e de gritos bestiaes, fica tudo a tremer, quieto d'horror e espanto. Cain baixa a pupila e vae deitar-se a um canto. E quando em suma alguns dos monstros quer lutar azorrago-o co'a luz febril do meu olhar, dando-lhe um pontapé, como n'um cão mendigo. Já sabes quem eu sou, Judas; anda comigo!»

Como um prezo que quer comprar um carcereiro, Judas tirou do manto a bolsa do dinheiro, dizendo-lhe:

—Aqui tens, e deixa-me partir. . .—

O gigante fitou-o e começou a rir.

Houve um grande silencio. O infame Iskariote, como um negro que vê a ponta d'um chicote, tremia. Finalmente o vulto respondeu: «Judas, podes guardar esse dinheiro; é teu. O oiro da traição pertence-lhe ao traidor, como o riso á inocencia e como o aroma á flôr. Esse oiro é para ti o eterno pezadelo. O! guarda-o, guarda-o bem, que eu quero derretel-o, e lançar-to depois caustico, vivo, ardente, lançar-to gota, a gota, inexoravelmente em cima da consciencia, a putrida, a execravel! Com ele hei-de fundir a aljema inquebrantavel, á grilheta que a tua esqualida memoria trará, arrastará pelas galés da Historia, durante a eternidade ilimitada e calma. Essa bolsa que ahi tens é o cancro da tua alma: Já se agarrou a ti, ligou-se ao criminoso, como a lepra nojenta ao peito do leproso,

como o iman ao ferro e o verme á podridão. Não poderás jamais largar-a da tua mão! E's traidor, assassino, hypocrita, perjuro; a tua alma lançada em cima d'um monturo faria nodoa. E' tudo o que ha de mais vil, desde o ventre do sapo á baba do reptil. São da existencia! dize á sombra que te acoite. Monstro, procura a paz! verme, procura a noite! Que o sol não veja mais um unico momento o teu olhar obliquo e o teu perfil nojento. Esse crime, bandido, é um crime que profana todas as grandes leis da consciencia humana, todas as grandes leis da vida universal. Esconde-te na morte, assim como um chacal no seu covil. Adeus, causas-me nojo e asco. Deixo dentro de ti, Judas, o teu carrasco! E's livre; adeus. Já brilha o astro matutino, e eu, caçador feroz, cumprindo o meu destino, continuarei caçando os javalis nos matos.»

E dito isto partiu a procurar Pilatos.

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada. Judas, ficando só, meteu se pela estrada, caminhando ljeiro, impavido, terrível, como um homem que leva um fim imprescritivel, uma idea qualquer heroica e sobranceira; de repente estacou. Havia uma figueira projetando na estrada a larga sombra escura; Judas, desenrolando a corda da cintura, subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso, dando um laço á garganta. O seu olhar odioso tinha n'esse momento um brilho diamantino, recto como um juiz, forte como um destino.

N'isto ecoou atravez do negro céu profundo a voz celestial de Jezus moribundo, que lhe disse:

—Traidor, concedo-te o perdão.  
Alem de meu carrasco és inda o meu irmão. Pregaste-me na cruz; é o mesmo, fica em paz. Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz. Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrificio. Não te cause remorso o meu atroz supplicio, estes golpes cruéis, estas horriveis dôres. As chagas para mim são outras tantas flores! >

Judas fitou ao longe os cerros do Calvario, e erguendo-se viril, soberbo, extraordinario, exclamou:

—Não aceito a tua compaixão.  
A Justiça dos bons consiste no perdão. Um justo não perdoa. A justiça é implacavel. A minha ação é infame, hedionda, miseravel; preguei-te n'essa cruz, vendi-te aos farizeus. Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus, vaes vêr como esse monstro, ó pobre Cristo nú, é maior do que Deus, mais justo do que tu: «á tua caridade humanitaria e doce, eu prefiro o devêr terrível!» E enforcou-se.

Guerra Junqueiro.

## HISTORIA DE JESUS

### A Mulher Adultera

O Rabi está no Templo e ensina ás gentes.

Discipulos em roda reverentes, cismam, de olhos no chão graves e mudos, concentrados no Verbo e nos sizudos preceitos do Rabi que fita os ceus.

N'isto chegam-se a ele os Fariseus, Escrivas, Sacerdotes, Anciãos, trazendo uma mulher que torce as mãos, que supplica, soluça e chora baixo. E gritam-lhe: «Rabi! tu que és um facho de ciencia da Lei, das Escrituras, que prégas novos ceus, coisas futuras, e misticas teorías transcendentas, que prégas como nunca, outrora, ás jentes,

o Batista prégou junto ao Jordão, dize-nos isto ó Mestre!—a tradição, nossas leis mais as letras de Moysés, ordenam-nos que a adultera que vês apedrejada seja incontinente. Porém tu que és um sabio, és um vidente, Mestre! que opões a Lei tão triste e feia?»

—Mas o Rabi, calado sobre a areia, tranquilamente, escreve. Nada diz.

—Tornam eles: «Rabi! a meretriz, que o corpo prostitue, pelas tabernas, ás romanas lejiões, sob as lanternas, ou aos raios da lua macilenta, não é tão monstruosa e peçonhenta como a infame mulher que atira á lama o nome de um esposo que a proclama, a infamia do seu leito e do seu lar! Porém tu que usas sempre perdoar, cuja doutrina é feita de clemencia, que só prégas perdão, dô, paciencia, Mestre! que opões a Lei tão justa e feia?»

—Mas o Rabi calado, sobre a areia, tranquilamente escreve.—Não responde.

—Tornam eles: «Rabi! aonde, aonde iremos nós buscar quem desvaneca nossas duvidas, pois, ou que esclareça o espirito da Lei e da Doutrina, quando tu, Mestre! de intuição divina, nada dizes, contestas, nem opões?»

Mas o Rabi que lê nos corações d'esses poços de fel e de mentira, d'esses antros da Gula, Orgulho, e Ira, e lhes profunda as causas e as orijens, levantando do chão seus olhos virjens, e tristes, gravemente, assim lhes fala: «Seja o primeiro, aqui, a apedrejal-a quem se ache puro e livre de pecado!» É de novo, o Rabi, lento e calado tranquilamente escreve sobre a areia.

Mas assim como emigra uma colmeia d'abelhas pouco a pouco do cortiço, demandando outros sóes, buscando o viço de outras rosas debaixo d'outros ceus, assim vão desertando os fariseus a dous e tres, em grupos, em magotes: os Principes Escrivas, Sacerdotes, Anciãos e Pontifices, Doutores.

—«Mulher onde é que estão teus detratores?» brada o Rabi por fim não vendo alguem.

—«Rabi! Não me condena mais ninguem! Nem Escriba, Ancião, nem Fariseu!»

—«Ninguem? diz o Rabi. Pois bem. Nem eu.»

—«Permite pois que regue com meu pranto tuas plantas, Rabi bondoso e santo! E beje humilde a orela aos teus vestidos.»

—«Mas máo grado ó mulher! os teus jemitos, que proveito e lição tiras do dia?»

—«Que ninguem deve expôr-se á jemonia de pecar por um goso passageiro!»

—«Pois bem. Mas quem dirá ao povo inteiro que tu, alucinada, novamente, não volvas mais ouzada, e impenitente, a excitar, contra mim, seus alaridos?»

—«Meus soluços, Rabi! os meus jemitos.»

—«Mas quem dirá á Igreja e aos Fariseus que não tornas mulher! contra teu Deus, mais rebelde, a pecar, presa do inferno?»

—«Meu remorso ó Rabi! profundo e eterno.»

— «Mas que prova, penhor ou garantia dás tu mulher! á Lei de qua, outro dia, esquecida d'esta hora atribulada, não serás cruelmente, apedrejada, por outro crime vil, infame e imundo?»

— «O meu tédio e rancôr, Rabi! ao mundo».

— «Mas quem te deu tão rapida aversão assim ao mundo e á Carne?»

— «Quem te mudou?» — «O teu perdão!»

— «A tua ação tão boa!» — «Vae, pois. Não peques mais. Chora e perdoa.»

### As Creanças

Repele alguém do Mestre, brutalmente, os louros querubins de rostos finos — «Mas o sabio Rabi lhes diz, clemente: «Deixae virem a mim os pequeninos.»

«Deixae-os vir a mim. Sou o ceifeiro que nada perde, e os mundos vem ceifar — Feliz de quem como estes é rasteiro. Ai d'aquêle, cruel, que os molestar.»

### Os Samaritanos

O vento ajita os palmeiras distantes.

Eis chegam de Sicar os habitantes, ouvindo que está perto a Vida Eterna, a buscar o Rabi, junto á cisterna, que é perto de Sicar em Samaria. Voam pombas no azul ao fim do dia o Rabi fala a todos mansamente.

— «Como é que o Rabi trata com tal jente? rosnam baixo os que seguem, aturdidos — Não são estes uns homens pervertidos, uns entes asquerosos, repelentes, desprezados dos Povos e das Gentes, alcunhados de imundos pela lei?»

— «Não são homens sem cultos, e sem rei, murmuram baixo, torvos, furibundos, na treva os Anciãos— estes imundos e sordidos ateus Samaritanos? Como é que elle pois fala a taes profanos? Como é que os ouve e toca sem receio?»

Mas o Rabi, tranquilo vae no meio, calado, a pé, o manto sobre os hombros, sem fazer caso algum dos seus assombros, tratando bem o vil, e o miseravel, egual ao Sabio calmo e imperturbavel, e ao Sol justo, ao Sol grande e protetor: — «Para os quaes são eguaes o sapo e a flôr.»

### A Ceia

E' na festa da Pascoa. A ceia é muda. Os discipulos junto ao Mestre forte, silenciosos cada um seu rosto estuda. — «Mas o Rabi está triste até á morte!»

Levanta-se o Rabi. Derrama agua para lavar aos seus de rojo os pés. Mudos comprehendem bem cheios de magua que é mais que os mais Rabis—do que Moysés.

Pedro protesta. Mas passiva e muda fica a mais banda ao pé do Mestre forte. Silenciosos, cada um seu rosto estuda. — «Mas o Rabi está triste até á morte!»

O Rabi fala e diz: — «Andae de rojo, servindo o cego, o invalido, o indigente. Tornae-vos mais rasteiros do que o tojo. Lavae como eu os pés a toda a jente!»

«Tomai pão: —recebeis a carne minha. Tomai vinho: —é meu sangue da Paixão. A hora misteriosa se avizinha, as letras dos Rabis não falam vão!»

Todos ficam cismando. A ceia é muda. Os discipulos junto ao Mestre forte, silenciosos, cada um seu rosto estuda. — «Mas o Rabi está triste até á morte!»

Continua o Rabi: — «Breve á agonia um traidor d'entre vós me ha-de entregar. Lêde a escriptura, diz: «O que comia comigo o pão ergueu seu calcanhar.»

Mas Simão Pedro exclama: «O crime e o vicio nunca em mim crearão tão torpe idea. Rabi! irei contigo ao teu suplicio! Mestre! partilharei tua cadeia.»

Mas o Rabi lhe torna: — «Satanaz te venceu e eu te afirmo com abalo, que esta noite, Simão! me negarás, trez vezes antes de cantar o galo.»

Todos ficam cismando. A ceia é muda. Os discipulos, junto ao Mestre forte, silenciosos, cada um seu rosto estuda. — «Mas o Rabi está triste até á morte.»

E' que dóe ao Rabi — mais que a Paixão, mais que os cravos, escarneos, o açoite, d'aquelles que mais ama, nessa noite, ter de arrostar a cruz da Ingratidão!

### No Jardim das Oliveiras

E' alta noite. A lua inunda d'alto, funestamente as palmas das figueiras. Dormem por terra os Doze, em sobresalto — «O Rabi está n'um horto de oliveiras.»

Levanta as mãos ao ceu vasto e piedoso. Vara-lhe o seio tenebroso espinho. Caem-lhe gotas de sangue precioso de suor nas violetas do caminho.

O vento solta uns ais como uma lira. Tudo dorme. Só Cristo em seu jardim, sentindo uivar a turba que conspira, ensanguentado e triste clama assim:

«Pae dos sóes e dos campos estrelados! Não deixes ó Deus forte e solitario! No meio d'estes lobos açulados subir teu filho a serra do Calvario...»

Se te apraz não consintas seu martirio n'esta infame, vendida jeração! Não deixes cair sangue sobre o Lirio, nem que ele vaze o copo da Paixão.»

Mas de balde ele exora. O seu suplicio trama-se alem, na escuridão ao fundo. Deram-se os braços a Laveja e o Vicio. Traem-no todos os que amou no mundo!

Trez vezes acha os seus adormecidos. Trez vezes os desperta e volta a orar. Soam no horto vozes, alaridos, Vêem-se lanças, morriões brilhar.

Chega o poder da treva. E' um magote d'homens dos Anciãos e de Caipház. E' um beijo cruel de Kariot com a boca do mal de Satanaz.

— «Quem procuraes? diz placido e sereno o Rabi á guerreira multidão. — Tornam eles: «Jesus, o Nazareno» — «Porque é que me prendeis como um ladrão.»

«Porque vindes a mim com paus e espada? No templo não préguei todos os dias? Depois fitando a abobada estrelada: — «Vamos pois. Completae as Profecias!»

Pedro, então, saca a espada e os desbarata — «Mas o Rabi lhe diz: «Sangue que corre grita vingança! Quem com ferro mata, mais tarde ou cedo pelo ferro morre!»

«Mestre! clamam-lhe eles, que castigo aplicar á sevicia, á vil traição? Que golpe prostra mais nosso inimigo?» — «O Rabi torna placido: «O Perdão.»

Então caem d'assombro as sentinelas, trez vezes sobre o chão, mudos os labios: pois viram ao Rabi cheio de estrelas, — na radiação dos deuses e dos sabios.

### A Esponja de Fel

Em frente da agonia do Rabi, vão meneando a frente os Anciãos, com chascos, com desdens, erguendo as mãos: — «Salvou os mais, e não se salva a si!»

O máo ladrão o mofa. Os lejonarios, sentinelas romanas, Sacerdotes, todos sobem o monte, e vis dichotes lançam ao rei dos virjens solitarios.

Contemplando, da cruz, Jerusalem, os ceus, o mar, com olhos já sem brilho, O Rabi diz a João: — «Eis tua mãe!» e diz á mãe: — «Mulher eis o teu filho!»

Mas tem sede o Rabi. Um mais cruel uma esponja em canço ponteagudo toda em fel ensopou: — «Ora esse fel amarga mais ao mestre do que tudo.»

E' que esses homens de paixões, de vicios, em todo o fel da inveja contra os sabios, inundaram a esponja dos suplicios, e o Rabi n'esse fel molhou os labios!

Gomes Leal.

## MORTE DE JESUS

Bem que o motivo da morte de Jesus fosse absolutamente religioso, tinham os seus inimigos conseguido, no Pretorio, apresental-o como culpado de crime de estado; por causa de heterodocxia não teriam obtido do cético Pilatos uma condenação. Consequentes com estas ideas, fizeram os sacerdotes que a turba pedisse, para Jesus, o suplicio da cruz. Não era de orijem judaica este suplicio; se a condenação de Jesus tivesse sido puramente mosaica, ter-lhe-hiam aplicado a lapidação. A cruz era um suplicio romano, reservado para os escravos, e para os casos em que queriam juntar á morte o agravo da ignominia. Aplicando-o a Jesus, tratavam-o como aos ladrões de estrada, aos salteadores e bandidos, ou como aos inimigos de baixa condição aos quaes os romanos não concediam as honras da morte por meio do gladio.

Puniam o quimerico «rei dos Judeus» e não o dogmatista heterodocso.

Em consequencia da mesma idea, devia a execução ser entregue aos romanos. E' sabido que os soldados, entre os romanos, como tinham o mister de matar, exerciam o officio de algozes. Jesus foi, pois, entregue a uma coôrte de tropa auxiliar, e então desenrolou-se para ele todo o odioso dos suplicios introduzidos pelos costumes cruéis dos novos conquistadores. Era pouco mais ou menos, meio dia, revestiram-no com os seus vestidos, de que o haviam despojado para a farçada da tribuna, e, como a coôrte tinha já em seu poder dois ladrões que devia supliciar, reuniram os tres condenados, e logo o cortejo se pôz a caminho para o logar da execução.

O condenado á cruz era o proprio que transportava o instrumento do seu suplicio. Mas Jesus, mais fraco de corpo do que os seus dois companheiros não poudé levar a sua. A escolta encontrou um certo Simão de Cyrene, que voltava do campo, e os soldados, com as bruscas maneiras das guarnições estrangeiras, obrigaram-o a levar o madeiro fatal. Usavam talvez nisto de um direito reconhecido, por isso que os soldados romanos não podiam, por si mesmos, levar o instrumento infamante. Parece que Simão pertenceu, mais tarde, á communhão cristã. Os seus dois filhos, Alexandre e Rufus, foram n'ela muito conhecidos. Simão narrou, de certo, mais de uma circumstancia de que tinha sido testemunha.

N'aquella occasião não se achava junto de Jesus nenhum dos seus discipulos.

Chegaram enfim ao local das execuções. Segundo o uso judaico ofereceram a beber aos pacientes um vinho fortemente aromatisado, bebida embriagante que por sentimento de piedade davam ao condenado para o atordoarem.

Jesus depois de haver tocado o vaso com os labios, recusou-se a beber. Aquelle triste alivio dos condenados vulgares não o pôde aceitar a sua excelsa natureza. Preferiu deixar a vida com perfeita lucidez de espirito, esperar com plena consciencia a morte que tinha querido e provocado. Despojaram-no então dos vestidos e pregararam-o na cruz. Compunha-se esta de dois cepos ligados em fórma de T. Era tão pouco elevada que os pés do paciente roçavam quase na terra. Começavam por pô-la ao alto; depois ficavam n'ela o condenado, pregando-lhe cravos nas mãos; os pés eram muitas vezes tambem pregados e outras só amarrados com cordas. Ao centro da haste da cruz pregavam um pequeno cepo para servir de ponto de

apoio ao paciente. Se assim não fôr rasgar-se-hiam as mãos, e o corpo caíria abandonado ao proprio peso.

Passou Jesus por toda a atrocidade de taes horrores. A sêde que o devorava, um dos tormentos da crucificação, era ardente e insuportavel. Pediu de beber. Perto havia um vaso cheio da bebida ordinaria dos soldados romanos, uma mistura de vinagre e agua a que chamavam a *posca*.

Os soldados romanos deviam-a levar sempre consigo, para todas as expedições, entre as quaes eram habitualmente contadas as execuções.

Um dos soldados imbebeu uma esponja em tal bebida, espetou-a n'uma cana e a aproximou-a aos labios de Jesus que a sugou para mitigar a sêde. Aos lados de Jesus estavam crucificados os dois ladrões. Os executores, que presenteavam usualmente com os despojos dos supliciados, jogaram aos dados os seus vestidos, e, sentados ao pé da cruz conservaram-se de guarda a ele. Segundo uma tradição, pronunciou Jesus estas palavras, que, na verdade, lhe estavam no coração se lhe não chegaram aos labios: «Pae, perdoae-lhes, porque não sabem o que fazem».

Segundo o costume romano, tinha sido ficado, no alto da cruz, um rotulo no qual se lia em tres linguas, hebreu, grego e latim: *Rei dos Judeus*. Havia n'esta redação ironista o quer que fosse de injurioso e humilhante para a nação. Os numerosos viandantes que o leram sentiram-se ofendidos, e os sacerdotes observaram a Pilatos que deveria ter sido adotado um distintivo que indicasse somente que Jesus se tinha afirmado rei dos judeus. Mas Pilatos impaciente, mal humorado pelo successo recusou-se bruscamente a fazer a menor alteração no que estava escrito.

Os discipulos dispersaram, tinham fugido. Mas as suas fieis companheiras da Galilea, que o tinham acompanhado a Jerusalem, continuaram a servir-o; não o desampararam. Maria Cleofas, Maria de Madála, Joana, mulher de Kouza, Salomé, e ainda outras conservaram-se distantes sem nunca o perder de vista.

Alem d'este pequeno grupo de mulheres que de lonje, lacrimosamente lhe consolava a vista, não via Jesus senão o espectáculo da baixaza ou da estupidez humana. Os que passavam insultavam-no. A' róda de si ouvia parvoas zombarias, e brados supremos de dôr transformados em odiosos trocadilhos de palavras: «ah! ali está, diziam, o que se chamava Filho de Deus. Diga ao pae que venha agora livral-o!» — Salvou os outros, murmuravam tambem, e não pôde salvar-se a si. Se é o rei de Israel desça da cruz e nós acreditaremos n'ele! — Muito bem! dizia um terceiro, visto que destroes o templo e o reconstrues em tres dias, salva-te, vejamos!» Alguns, vagamente conhecidos de certos seus termos apocaliticos julgaram ouvir o chamar Elias e disseram: «Vejamos se vem livral-o». Parece que os dois ladrões crucificados com ele o insultavam tambem.

O ceo estava sombrio; a terra, como em todos os arredores de Jerusalem, seca e taciturna.

Por um momento, segundo certas narrações, desfaleceu a Jesus o coração; ocultou-lhe uma nuvem o rosto de seu Pae; teve uma agonia de desespero, mil vezes mais terrivel do que os tormentos. Não viu senão a ingratitude dos homens; arrependeu-se, talvez, de padecer por uma raça vil, e exclamou: «Meu Deus! meu Deus! porque me desamparaste?»

Mas então venceu, ainda o seu instinto divino. A' medida que a vida do corpo se extinguia, serenava-lhe a alma e voltava pouco a pouco á sua celeste orijem.

Readquiriu a posse da sua mis-

são; viu na sua morte a salvação do mundo; perdeu de vista o espectáculo hediondo que tinha a seus pés, e, profundamente unido a seu pae, começou no patíbulo a vida divina, que ia viver no coração da humanidade por seculos infindos.

A atrocidade particular do supplicio da cruz consistia em poder o condemnado viver tres ou quatro dias em tão horrivel estado sobre o escabelo da côr. A hemorragia das mãos depresso se suspendia e não era mortal. A verdadeira causa da morte era a posição contrafeita do corpo, a qual produzia medonha perturbação na circulação, terriveis dores de coração e cabeça, e, enfim, a rigidez dos membros. Os crucificados dotados de forte compleição só de fome morriam. A idea principal d'este cruel supplicio não era matar directamente o condemnado por meio de lesões determinadas, mas expôr o escravo, cravado pelas mãos, de que não soubera fazer bom uso, deixando-o apodrecer no madeiro. A organização delicada de Jesus perservou-o de tão lenta agonia.

Tudo leva a crêr que uma syncope, ou a rutura instantanea de um vaso do coração lhe deu no fim de tres horas, subita morte. Alguns momentos antes de expirar conservava ainda a voz forte. De repente, soltou um grito terrivel, no qual uns ouviram: «O Pae, entrego-te o meu espirito!» e que outros, mais preocupados com o cumprimento das profecias, traduziram por estas palavras: «Está tudo consumado». Deixou pender a cabeça para o peito e expirou.

Repousa agora na tua gloria nobre iniciador. Está terminada a tua obra; está fundada a tua divindade. Agora, fora do alcance das frajlidades, assistirás do alto da paz divina, ás consequencias infinitas dos teus actos. Pelo preço de algumas horas de padecimento que nem sequer te tocou a grande alma, compraste a mais completa immortalidade. Por milhares de anos vae o mundo depender de ti! Estandarte das nossas contradicções serás o signal em volta do qual se empenhará a mais ardente batalha. Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado depois da morte do que durante os dias da tua passagem neste mundo, tornar-te-has a tal ponto a pedra angular da humanidade, que arrancar o teu nome da terra seria abalar-a até aos alicerces. Entre tu e Deus não existirá mais distincção. Plenamente vencedor da morte, toma posse do teu reino, ao qual te seguirão, pela estrada real que traçaste, milênios de adoradores.

Ernesto Renan.

## O ENSINO DE CRISTO

Jesus Cristo mostrou ao homem pelo seu ensino e pela sua vida que o espirito de Deus habita em todo o homem.

Conforme o ensino de Jesus Cristo, todos os males veem aos homens porque eles pensam que a sua vida está no seu corpo, e não no espirito de Deus. E' por isso que eles disputam entre si, as suas almas sofrem e temem a morte. O espirito de Deus é amôr. E o amôr vive na alma de todo o homem.

Quando os homens chegam a crêr que a sua vida está no espirito de Deus—isto é, no amôr—não ha mais inimidade, nem sofrimento mental, nem medo da morte. Cada um deseja o bem para si.

O ensino de Cristo mostra aos homens que o bem lhes vem do amôr, e que todos podem ter esse bem. E' por isso que o ensino de Cristo se chamou o Evangelho.

Ev significa «bom» *angelion* significa «novas» —boa-nova.

«O primeiro mandamento é este: na lei antiga disse-se «não mates» e «o que mata é peccador.» Mas eu vos digo que se um homem entra em colera contra seu irmão, é peccador perante Deus; e é ainda mais peccador se diz uma palavra violenta de injuria a seu irmão.

Assim, se começardes a orar e vos lembrardes de que estades em ira contra o vosso irmão, ide primeiro reconciliar-vos com ele e, se por qualquer razão não o podeis fazer, lançaes fora do vosso coração a ira que contra ele lá está.

«Este é o primeiro mandamento. Outro mandamento é este: a lei antiga diz: Não cometas adulterio, e, se te separares da tua mulher, dá-lhe carta de divorcio.»

«Mas eu digo-vos que, não só o homem não deve ser adúltero, mas, se olhar para uma mulher com máos pensamentos no espirito, já é um peccador perante Deus. E do divorcio digo-vos que um homem que se divorcie de sua mulher comete adulterio, ele mesmo, e induz a sua mulher a fazer o mesmo, e induz também em peccado aquele que se casar com a mulher divorciada.

«Este é o segundo mandamento. O terceiro mandamento é este: na lei antiga disseram-vos: «Não perjureis e guardaes vossos juramentos perante Deus.»

«Mas eu digo-vos que não deveis absolutamente jurar, mas, se alguma cousa vos for perguntada, dizei «Sim» se é sim, e «Não» se é não. Não deveis jurar cousa alguma. O homem está inteiramente no poder de Deus, e não pôde antecipadamente prometer aquilo a que o juramento o prende.

«Este é o terceiro mandamento. O quarto mandamento é que na lei antiga disse-se: «Olho por olho, dente por dente.»

«Mas eu digo-vos que não deveis retribuir o mal com o mal e tirar olho por olho e dente por dente. E, se alguém nos fere na face, é melhor voltar a outra face para ele do que dar uma bofetada em resposta a uma bofetada. E, se alguém precisa de vos tirar a camisa, é melhor dar-lhe também o vosso habito do que ser seu inimigo e combater com o nosso irmão.

«Não deveis resistir ao mal com o mal.

«Este é o quarto mandamento. O quinto mandamento é que na vossa lei antiga disse-se: «Amae o povo da nossa nação e aborrecei o povo das outras nações.»

«Mas eu digo-vos que deveis amar a todos. Se os homens se tornam vossos inimigos e vos aborrecem e amaldiçoam e vos atacam, ainda assim os deveis amar e fazer-lhes bem. Todos os homens são filhos de um Pae. Todos são irmãos; e por conseguinte deveis amar a todos igualmente.

«Este é o quinto mandamento.

E Jesus passou a dizer, a todos os que o escutavam, o que aconteceria se obedecessem aos seus mandamentos.

«Não julgueis», disse, «que se não entrardes em colera com os homens e estiverdes em paz com todos, se viverdes com a vossa mulher, e não jurardes e não vos defenderdes dos que vos offendem, e derdes tudo o que vos pedirem, e amardes os vossos inimigos, não julgueis que, vivendo d'este modo a vossa vida será dura e peor do que aquela que agora viveis. Não penseis isso. A vossa vida não será peor mas muito melhor do que a que agora é. O vosso pae do céu deu-vos esta lei, não para tornar peores as vossas

vidas mas para que tenhaes a vida verdadeira.

«Vivei conforme este ensino, e o reino de Deus virá, e tereis tudo aquilo que careceis.

Deus deu as suas leis ás aves e aos animaes, e, emquanto vivem n'estas leis tudo lhes vae bem. E as cousas ir-vos-hão bem se obedecerdes á lei de Deus. O que digo, não o digo por mim, é a lei de Deus e está escrita no coração de todos os homens. Se essa lei não de-se bem estar aos homens, Deus não lha tinha dado.

«A lei, em poucas palavras, é que devemos amar a Deus e ao proximo como a nós mesmos. Aquele que lhe obedece, procede com os outros como desejaria que procedessem para com ele.

«E, por conseguinte, todo aquele que ouve estas minhas palavras e as cumpre, faz como um homem que edifica a sua casa sobre uma rocha: não teme nem a chuva, nem as inundações, nem as tempestades, porque a sua casa está edificada sobre a rocha.

«Mas todo aquele que ouve as minhas palavras e as não cumpre, procede como um insensato que constroe a casa sobre a areia. Essa casa não resistirá ás aguas ou ás tempestades, mais cairá em ruínas.»

E quando Jesus acabou de falar, o povo estava atonito do seu ensino.

Cada vez mais o povo seguia Jesus e escutava o seu ensino; e os fariseus não gostavam d'isso, e começaram a considerar como poderiam acusal-o perante o povo.

A um sabado, iam Jesus e os discipulos pelos campos, e os discipulos apanhavam espigas de trigo, debulhavam-as nas mãos, e comiam o grão, mas, pelo ensino dos judeus, Deus concordou com Moysés em que os homens não trabalhassem ao sabado, mas somente orassem a Deus. Os fariseus, vendo que os discipulos de Jesus debulhavam as espigas de trigo ao sabado, fizeram-nos parar e disseram-lhes: «Não deveis fazer isso ao sabado, porque nenhum trabalho se pode fazer ao sabado, e vós estades debulhando o grão. A lei diz que aqueles que em tal dia trabalham devem ser punidos de morte.»

Jesus ouviu e disse: «O Profeta diz que Deus quer amôr e não sacrificios. Se comprehendes estas palavras não condenaríeis os meus discipulos.

Os homens são mais importantes que os sabados». E os fariseus não soubêram que responder e ficaram calados.

Uma outra vez, alguns fariseus viram que Jesus entrou em casa de Matêus, cobrador de impostos, e lá jantou com a sua familia. E os fariseus consideravam peccadores os que jantavam com ele. E por isso censuravam Jesus, dizendo que não era legal comer com o infiel.

Mas Jesus disse: «Ensino a verdade a todos os que quiserem aprender a verdade; vós consideraes-vos fieis e julgaes conhecer a verdade; assim, para vós, nada mais ha que aprender. Segue-se que só o infiel pode ser ensinado; e como hão-de eles aprender a verdade se não nos juntarmos com eles?»

Então os fariseus, não sabendo que responder, começaram a arguir os discipulos de Jesus de comerem com as mãos sujas.

Eles observaram estritamente a sua tradição de lavar as mãos e os pratos e não comiam nada que lhes viesse do mercado sem ter sido lavado.

Então a isto Jesus replicou: Censuraes-nos por não guardar o costume de nos lavarmos antes de comer; mas não é o que entra no corpo d'um homem que pode manchalo. E' o que vem da alma d'um homem que o mancha, porque da alma pode vir, vem o mal:

adulterio, assassinio, roubo, avareza, ira, fraude, impudencia, inveja, calunia, orgulho e todo o mal. Todo o mal provem da alma do homem, ora só o mal pode manchar o homem. Deixae que na nossa alma haja amôr para os nossos irmãos, e então tudo será puro.

Jesus ensinou que todos os homens eram filhos de um só Pae, e que por conseguinte toda a lei de Deus é amar a Deus e ao nosso proximo. E um legislador, sabendo isto e desejando apanhar Jesus nas suas palavras e mostrar-lhe que nem todos os homens eram iguaes e que os homens das diferentes nações não podem igualmente ser filhos de Deus, perguntou a Jesus: Ensinas-nos a amar o nosso proximo. Mas quem é o meu proximo?

Jesus respondeu por uma parábola e disse: «Havia um judeu rico, e aconteceu que uma vez, voltando ele para casa, foi atacado por ladrões que lhe bateram, o roubaram e o deixaram na estrada. Passou ali um sacerdote judeu, viu o ferido, e foi para deante sem parar. Um outro judeu, um levita, passou e também viu o ferido e foi, sem se importar, para deante.

Então um homem d'outra nação, um desprezado samaritano, vinha pelo caminho e viu o ferido; e sem considerar que os judeus não teem os samaritanos como vizinhos, mas como reprobos inimigos e extranhos teve pena do judeu, levantou-o, pô-lo no seu burro e conduziu-o, caridosamente a uma albergaria. Lavou-lhe então e tratou-lhe as feridas, pagou por ele ao hospedeiro, e só o deixou quando o judeu podesse mover-se sem ele.

Perguntaes vós:—Quem é o meu proximo? Eu vol-o digo: Aquele em quem ha amor considera todo o homem o seu proximo, sem se importar com a nação a que ele possa pertencer.

Uma vez, voltando Jesus a Jerusalem, dois dos discipulos, Tiago e João vieram ter com ele e disseram:

Prometes-nos, Mestre, que nos farás aquilo que te pedimos?

Disse Jesus:—«De que careceis?»

Replicaram os discipulos: «De que possamos ser teus eguaes, e os mais altos dos teus discipulos.»

Mas Jesus lhes disse: «Não sabeis loucos o que pedis. Todo o homem pode entrar no reino dos ceus pelos seus esforços mas ninguém, nenhum o pôde fazer por outro.

E Jesus chamou os outros discipulos e disse-lhes: «Os homens do mundo consideram o que é mais alto e o que é mais baixo entre eles; mas entre vós nenhum deve ser mais alto e nenhum mais baixo. Entre vós, aquele que de vontade serve todo e qualquer esse será no céu o mais alto. Aquele que quizer ser o primeiro entre vós que se julgue o ultimo; porque é vontade do Pae que o filho do homem viva, não para ser servido mas para servir a todos, e para dar a vida do seu corpo pela vida do espirito.»

Leão Tolstol.

## A OBRIGA

### Em quinta-feira santa

Viveu na Galilea ha dois mil anos e veio ao mundo para que os tiranos caissem ante as suas sabias leis, filho de um carpinteiro, Rei dos reis, prégou ao orbe o mystico dever: novo céu, novas leis, novo saber. Ouviam-no os parias, as mulheres, e deixavam por Ele os seus misteres

os publicanos e os pescadores, os tranquilos, graves lavradores, a mulher de má nota,—o povo imenso que arrastava lá o horror intenso e lancinante da escravidão, da miseria, da desesperação. «Deixae que venha a mim, meiga, a creança imagem da candura, da bonança, ah! felizes os vossos pequenitos imitae-os bem, homens affitos!...» São parábolas serias, eloquentes, á beira dos trigaes, junto ás torrentes, no jardim galileu d'humilde jente piedosa, religiosa, reverente, vivendo de feliz melancolia d'ancia espiritual e de poesia. Raça de boa-fé, de sinjeleza, compreendendo o credo da pureza. «Amae-vos uns aos outros». Nada mais, e é tudo isto! Estas palavras, taes como Jesus as ensinou ao mundo são o saber mais alto, o mais profundo. «Amae-vos uns aos outros», perdoae para que a vós também perdoe o Pae ó perdoae á adúltera, ao falido, setenta vezes quantas vol-o digo. Perdoae porque é aceite a Deus sofrer humildemente os labeus, o odio do rival, a sua afronta, porque vingar-se alguém isso que monta!»

«Lede sinjeles, bons, dae ao desprezo a moeda, o oiro, o inquieto peso da riqueza creada iniquamente, do poder alcançado impiamente.» «Fuji da hipocrisia, da oração feita com majestosa compunção, no templo, externamente, verdadeira; mas no intimo falsa, traiçoeria.» «Não creeis bens vãos, não busqueis nobreza todos somos eguaes ante a tristesa, ante a morte, ante o Pae, e só varia a magnanimidade, a ufanía, com que o santo, o heroe se sacrifica pelo austero ideal que santifica.» Divino verbo e apoteose estranha ensinada nos vales da montanha, no lago azul e sob as oliveiras, ao pé das fontes e ao redor das ciras, com as ternas mulher's, Marta, Maria, a unjirem-lhe os pés com a ambrosia dos cabelos esparsos, a enxugal-os; excelsas de paixão a acarinhá-las. Divino verbo:—humanidade, amôr; não mais deuses hostis, não mais horror; metafisica não; simplicidade, ternura, acôrdo-mutuo, verdade; exatamente a supressão do mundo legalista, judaico, esse infecundo decalogo do Templo orgulhoso... Impeto celico, unico, assombroso, aluindo o imperio, os cesares divinos: deuses e reis—carrascos e assassinos! Jesus, assim, aspava a lei judia, o estado romano, o que existia; tornava-se o mal e era urgente crucifical-o vingativamente. Prégao amôr, a liberdade, os ceus, aos escravos, aos pobres e aos reus, desprezar a grandesa, amar o povo, era funesto, era ateismo novo; mesmo abrindo o horizonte e dando ao mundo um destino melhor, um céu jocundo...

Ha dois mil anos que Jesus morreu, escarnecido, como vil plebeu, um Deus ilota, em que a plebe vê o sonho secular que é a sua fé; sentindo-se como Ele assim tristeza e assim caridade, assim pobreza. Seus camaradas eram pescadores, a lepra de Judá, os peccadores, lazarus, kistos, todo o sofrimento; toda a humana dor, todo o lamento. Vergava o mundo, então, ao peso injente da tirania rispida, insolente, que Roma exercia ao conquistar toda a terra d'então e todo o mar: e os corações não viam desafogo porque as religiões, taes como fogo, calcinavam: secura ou rigorismo, dureza como o foi o judaismo; decadencia, descredito, irrisão, como o era em toda a parte o céu pagão. Era preciso á alma humana o orvalho de uma lei que ensinasse o são trabalho, a humilde, a paz e a doçura, á nobilitação da creatura; assombroso prégao desconhecido levando ao escravo, ao oprimido, a liberdade, a honra: lei suprema tendo o amor do proximo por tema! Roma tinha de mais o *forum*-templo de uma raça leijista, o seu exemplo das leijões, de Cesar, de Catão; era a cidade-mãe do cidadão, tinha o mundo dos circos, de Luculo, de Pompeia, de Horacio, de Catulo; e a nova fé, eterea e comunista, só podia abrolhar em grei simplista, visionaria, vencida, humilde, feia. D'ahi viçar, florir na Galilea.

Ha dois mil anos que Jesus morreu e depois d'Ele ah! nunca mais o céu se aliou á terra, a esposa, porque o Cristo ah! nunca mais voltou! A sua fé perdeu-se, o seu saber, o segredo de amar e de sofrer, a doutrina prégada, calmamente, sob as benções do céu, miseramente, o homem esqueceu-a e cedeu perante a idolatria a que a vendeu. Vieram liturgias, dogmatismo, os concilios, os papas;—mosaismo, arvorando-se o nome, o mer'cimento, d'Esse que fóra a Luz, o Entendimento. Vieram os *doutor's*: farisaismo, denegação real do cristianismo, nunca mais o espirito, a pureza, espontanea, não mais, a simples resa da alma junto a Deus:—tocante fé que exalta o mundo quando o mundo cret! Roma imbuu Jesus de Teolójia, o Oriente encheu-o de majia, e pelo tempo fóra o clero, os reis rebaixaram o Cristo ás suas leis.

